



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE UnB PLANALTINA  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**SIDLENE DA TRINDADE TEIXEIRA**

**ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DO ASSENTAMENTO RURAL SÃO VICENTE: a  
importância das mulheres agricultoras, artesãs para a comunidade**

**Planaltina-DF  
2023**

SIDLENE DA TRINDADE TEIXEIRA

ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DO ASSENTAMENTO RURAL SÃO VICENTE: a  
importância das mulheres agricultoras, artesãs para a comunidade

Monografia apresentada à  
Faculdade UnB Planaltina como  
parte dos requisitos para obtenção  
do título de licenciada em Educação  
do Campo, área de Linguagens.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria  
Osanette de Medeiros

Co-Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ma. Karla  
Dias Lopes Caetano

Planaltina-DF  
2023

**Folha de aprovação**

SIDLENE DA TRINDADE TEIXEIRA

ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DO ASSENTAMENTO RURAL SÃO VICENTE: a  
importância das mulheres agricultoras, artesãs para a comunidade

**Aprovada em 16/02/2023**

Banca Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Osanette de Medeiros (UnB)  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Karla Dias Lopes Caetano (ARMSV)  
Co-Orientadora

---

Ma. Laura Lyryio (MMC)  
Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva (UnB)  
Examinadora

Este trabalho é dedicado á toda a minha rede de apoio. Meu esposo Genilton que caminhou e caminha comigo desde o início. Meu filho Théo Henry que me acompanhou desde o primeiro semestre em 2018, quando tinha apenas 8 meses de vida, e seguiu até aqui. Á Ciranda da LEdoC que acolheu meu filho e me motivou a estudar. Á minha família, que me apoiou e acreditou no meu potencial. Ás minhas amigas, que vibram comigo a cada conquista.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, por ter me guiado nesse processo de aprendizagem, e por ser luz no meu caminho.

À minha família por acreditarem em mim.

Agradeço a minha orientadora, Professora Osanette por todo o ensinamento, paciência e orientação. Sua disposição é encorajadora.

À professora Regina Coelly que contribuiu para o sucesso deste trabalho.

A Laura Lyrio do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC).

Às minhas amigas por todo incentivo, ajuda e encorajamento.

A cada uma das professoras e a cada um dos professores da LEdoC.

E todas e todos que contribuíram para que este trabalho se concretizasse.

E a todas as mulheres da Associação Rede Mulher de São Vicente que contribuíram de forma significativa para a realização deste trabalho. A cada uma de vocês, Edvânia, Cristiane, Jaqueline, Olga de Jesus, Raquel, Karla, Silvana, Olga Maria, Ana Paula, Elane, Edileide, Marlene, Angela, Silvana e todas as mulheres que compõem este grupo, a força de vocês é encorajadora, e a determinação e os sonhos compartilhados me trouxeram esperança, mas não qualquer esperança, e sim a esperança de Paulo Freire, do verbo esperançar, de levantar, ir atrás, de construir, de não desistir.

Todas as vidas  
Vive dentro de mim  
uma cabocla velha  
de mau-olhado,  
acocorada ao pé  
do borralho,  
olhando para o fogo.  
Benze quebranto.  
Bota feitiço...  
Ogum. Orixá.  
Macumba, terreiro.  
Ogã, pai-de-santo...  
Vive dentro de mim  
a lavadeira  
do Rio Vermelho.  
Seu cheiro gostoso  
d'água e sabão.  
Rodilha de pano.  
Trouxa de roupa,  
pedra de anil.  
Sua coroa verde  
de São-caetano.  
Vive dentro de mim  
a mulher cozinheira.  
Pimenta e cebola.  
Quitute bem feito.  
Panela de barro.  
Taipa de lenha.  
Cozinha antiga  
toda pretinha.  
Bem cacheada de picumã.  
Pedra pontuda.  
Cumbuco de coco.  
Pisando alho-sal.  
Vive dentro de mim  
a mulher do povo.

Bem proletária.  
Bem linguaruda,  
desabusada,  
sem preconceitos,  
de casca-grossa,  
de chinelinha,  
e filharada.  
Vive dentro de mim  
a mulher roceira.  
-Enxerto de terra,  
Trabalhadeira.  
Madrugadeira.  
Analfabeta.  
De pé no chão.  
Bem parideira.  
Bem criadeira.  
Seus doze filhos,  
Seus vinte netos.  
Vive dentro de mim  
a mulher da vida.  
Minha irmãzinha...  
tão desprezada,  
tão murmurada...  
Fingindo ser alegre  
seu triste fado.  
Todas as vidas  
dentro de mim:  
Na minha vida –  
a vida mera  
das obscuras!  
(Cora Coralina)

**RESUMO**

Este trabalho resulta de pesquisa realizada no Assentamento Rural São Vicente, município de Flores de Goiás-GO, com o objetivo de analisar a atuação das mulheres na Associação Rede Mulher de São Vicente (ARM-SV) para saber como se organizam e quais as propostas para a comunidade, a fim de compreender os processos de fortalecimento da Associação. A metodologia foi a pesquisa-ação. Alguns resultados indicam que a Associação tem potencial para melhorar a vida econômica na comunidade; que os processos formativos são imprescindíveis para a formação humana e a qualificação profissional. Também foi possível identificar que todas as mulheres reconhecem as dificuldades que um coletivo feminino encontrará ao longo do caminho.

**Palavras-chave:** Mulheres. Associação de Mulheres. Coletivo.



**ABSTRACT**

This work is the result of research carried out in the Rural Settlement São Vicente, in the municipality of Flores de Goiás-GO, with the objective of analyzing the performance of women in the Associação Rede Mulher de São Vicente (ARM-SV) to find out how they are organized and what are the proposals for the community, in order to understand the processes of strengthening the Association. The methodology was action research. Some results indicate that the Association has the potential to improve economic life in the community; that training processes are essential for human development and professional qualification. It was also possible to identify that all women recognize the difficulties that a female collective will encounter along the way.

**Key words:** Women. Women's association. Collective.

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 - Colheita de Baru por Jaqueline (filha Laura).....	48
Figura 2 - Caixa com frutas do cerrado - Ângela Caetano.....	49
Figura 3 - Colheita de Jatobá - Karla Caetano.....	50
Figura 4 - Colheita de Tamarindo - Sidlene Trindade (filho Théó).....	51

**LISTA DE SIGLAS**

ARM-SV - Associação Rede Mulher de São Vicente

DF – Distrito Federal

FUP – Faculdade UnB de Planaltina

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IOC - Inserção Orientada na Comunidade

IOE – Inserção Orientada na Escola

LEDOC - Licenciatura em Educação do Campo

OMS – Organização Mundial da Saúde

PA - Projeto de Assentamento

PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

RU – Restaurante Universitário

TC – Tempo Comunidade

TU – Tempo Universidade

UNB - Universidade de Brasília

OMS – Organização Mundial da Saúde

**SUMÁRIO**

<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
1.1 Contexto da pesquisa.....	16
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1 ORGANIZAÇÃO SOCIAL DAS MULHERES.....</b>	<b>24</b>
2.1 Educação do campo e formação de educadora/es .....	25
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>28</b>
3.1 Resultados .....	29
<b>4. CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>33</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>
<b>APÊNDICE A (Termo de consentimento livre e esclarecido) .....</b>	<b>37</b>
<b>ANEXO 1 - Fotos das colheitas das mulheres.....</b>	<b>50</b>

**BREVE HISTÓRICO DO ASSENTAMENTO SÃO VICENTE**

O Assentamento São Vicente teve início no ano de 1996, quando cerca de 100 famílias ocuparam a fazenda São Vicente e acamparam as margens do rio Macacão. As famílias viveram ali por volta de 2 anos, com escassez de comida e morando em barracos feitos de madeira e lona.

A fazenda São Vicente foi declarada de interesse social, para fins de reforma agrária através do Decreto Presidencial de 3 de março de 1997 (GUIMARÃES, 2017). Após muita luta e pressão sobre os órgãos públicos a fazenda foi destinada aos trabalhadores sem terra a fim de cumprir sua função social. Iniciando os trabalhos de medição e divisão das parcelas.

O assentamento São Vicente possui uma área de aproximadamente 19 mil hectares e já foi considerado o maior assentamento do estado de Goiás. As parcelas somam 539 e o número de famílias que moram no assentamento ultrapassa a quantidade de parcelas. Isso se deve a um fator muito comum no campo, que é o caso dos filhos que constituem famílias e decidem permanecer na comunidade, dando continuidade no trabalho dos pais no campo.

Atualmente o Assentamento São Vicente conta com infraestruturas básicas, como: uma UBS (unidade básica de saúde), com médico, dentista, agentes de saúde e enfermagem; duas escolas, uma municipal que oferta as séries iniciais até o ensino fundamental 2; e uma escola estadual que oferta o ensino médio; e diversos comércios, mercados, farmácia e comércios diversos.

No ano 2004 o assentamento São Vicente, recebeu 90 quilômetros de rede elétrica, com recursos do Programa Luz para Todos, do Ministério das Minas e Energia, e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), em parceria com a Companhia Energética de Goiás (Celg) (GUIMARÃES, 2017).

Os moradores do assentamento São Vicente ainda sofrem com as mesmas problemáticas do passado. A falta de água potável é um destes problemas que se encontram sem solução. As famílias buscam água doce no rio por conta própria, de

carro, carroças e moto. A segunda alternativa é comprar galões de água mineral no comércio local.

## 1. INTRODUÇÃO

Ao pensar em realizar esta pesquisa não tive dúvida de que gostaria de olhar a Associação Rede Mulher de São Vicente (ARM-SV) mais de perto. Viver a Associação é uma coisa. Olhar para ela como pesquisadora é outra. Estava posto o desafio. Aqui se juntou a mulher trabalhadora rural com suas experiências de vida e uma trajetória de luta em busca de uma sociedade mais igualitária. Talvez por isso o meu interesse em pesquisar esse tema.

Nesse sentido, trago um pouco de minha história e o caminho que percorri até chegar ao Projeto de Assentamento (PA) São Vicente. No ano de 1996, meu pai e minha mãe, juntamente com dezenas de outros retirantes nordestinos, saíram da Bahia com destino ao interior de Goiás, destino este ainda incerto.

As informações eram poucas, e o que encontrariam pela frente era uma incógnita. Antes de chegar a Flores de Goiás, meu pai e minha mãe, eu e meu irmão mais velho, na época com dois e quatro anos de idade, respectivamente, ficamos no acampamento Grotão em Sobradinho, no Distrito Federal. Meses depois as famílias partiram para o interior de Goiás, onde fizeram a ocupação da fazenda São Vicente que deu origem ao Assentamento São Vicente, no município de Flores de Goiás-Go. Desde então já se passaram mais de duas décadas de muita luta, muitas conquistas, e ainda há muito que conquistar como exemplo da diferença salarial que existe entre homens e mulheres de mesmo nível de escolaridade e que ocupam o mesmo cargo ou função.

No ano de 1996 eu estava prestes a completar três anos de vida, não tinha noção do quão perigoso era aquele cenário de luta pela terra, acirrado pela disputa entre trabalhadores rurais munidos de foice, inchada e facão e o fazendeiro com alto poder econômico e seus jagunços armados.

Em 1997, após um período de resistência, a presidência da república declarou a fazenda de interesse social, para fins de reforma agrária. (GUIMARÃES, 2017). Nos anos seguintes, as famílias começaram a se organizar para lutar por políticas públicas de assistência para os trabalhadores e produtores rurais, que necessitavam de apoio para produzir na terra recém-

conquistada. Uma escola foi construída no acampamento para atender as crianças e os jovens que ali moravam, com muita simplicidade, e os professores (as) eram pessoas da própria comunidade, que trabalhavam voluntariamente.

Alguns anos depois as famílias migraram para suas respectivas parcelas, cerca de 535 famílias, com muitas crianças e adolescentes. Por isso foi necessário construir novas escolas, com mais espaço e mais profissionais. E assim foi feito, duas novas escolas foram construídas na comunidade, com distancia de quilômetros de uma para a outra, isso para facilitar o acesso, tendo em vista que a comunidade tem uma área de mais de 19 mil hectares. (GUIMARÃES, 2017).

Eu tive o privilégio de iniciar os estudos e me formar no ensino médio dentro da comunidade, e hoje estou me formando no Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), da Universidade de Brasília (UnB), no Distrito Federal. De acordo com o artigo 205 da Constituição Federal, a “educação é direito de todos e dever do Estado” [...], (Brasil, 2016) mas, nem todas as crianças e jovens têm acesso a este direito fundamental para o desenvolvimento do ser, em todos os seus aspectos, e devido a essa negligência do Estado o acesso à educação básica de qualidade tornou-se um privilégio.

Aqui na comunidade, mesmo com duas escolas, ainda tem crianças e adolescentes que acordam antes das 4:00 horas da manhã para pegar o transporte escolar e chegar na escola as 7:00 horas. Essas crianças sofrem um desgaste físico e mental, precisam se esforçar mais para manter o ritmo e se superarem. Quando ocorre de faltar lanche nas escolas, os estudantes ficam um longo período sem se alimentarem, e só fazem a primeira refeição do dia quando retornam para casa por volta de 12:00 a 13:00 horas.

Morar a 2 km da escola era um privilégio para mim e meu irmão, sempre que o transporte escolar quebrava, ou atolava, o que ocorria com certa frequência, nós, juntamente com os vizinhos e colegas que moravam a esta distância, considerada bem perto, terminávamos o percurso a pé.

Desde muito cedo eu presenciei situações em que a atuação feminina era “barrada”, sem oportunidade de demonstrar seu entendimento acerca do que estava sendo debatido naquele espaço. Foram situações como esta que sempre despertaram meu interesse para o tema, eu sempre quis saber o porquê dos homens não abrirem mão da presença da esposa, mas delimitar a ação de suas companheiras, principalmente em espaços públicos, de referencia, de chefia e de liderança. Será influência do patriarcado, que idealiza a superioridade masculina sobre o sexo feminino? Ou será somente pelo sentimento de poder, posse e controle sobre as mulheres? Em

contrapartida a isso, eu e outras companheiras da comunidade unimos nossas forças para criar uma associação composta apenas por mulheres, agricultoras, estudantes, professoras e donas de casa, que anseiam por dias melhores para sua família, por uma renda e a melhoria da economia local. (FLORENTINO, 2018).

Essas reflexões fizeram surgir o problema da pesquisa por meio das seguintes questões: qual o papel da Associação no Assentamento São Vicente? Qual o objetivo das mulheres com a criação desta Associação? O que é necessário para o reconhecimento do trabalho dessas mulheres na Associação? Com essas perguntas foi possível traçar os objetivos da pesquisa, tendo-se como objetivo geral analisar a atuação das mulheres na ARM-SV para saber como se organizam e quais as propostas para a comunidade, a fim de compreender os processos de fortalecimento da Associação.

Os objetivos específicos foram: analisar a atuação das mulheres na ARM-SV para saber como se organizam e quais as propostas para a comunidade; identificar o reconhecimento do protagonismo feminino no contexto familiar e social no Assentamento São Vicente; compreender os processos de fortalecimento da Associação; divulgar para a comunidade o papel social da ARM-SV enquanto espaço de organização das mulheres; contribuir para a construção da memória da Associação Rede Mulher de São de Vicente.

A metodologia usada neste trabalho foi a pesquisa-ação, que consiste no levantamento de dados de forma atuante, ao mesmo tempo em que o pesquisador também é parte do processo como peça fundamental.

“[...] com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados” (THIOLLENT, 1986, p. 16).

Os instrumentos para produção dos dados foram reuniões, questionário e produção de um vídeo.

Este trabalho está organizado em introdução, onde trago o meu memorial; a justificativa, as questões da pesquisa e os objetivos. Ainda na introdução trago o contexto da pesquisa. No item 2 eu trago o referencial teórico, a seguir a metodologia com a discussão e os resultados. Por fim, trago algumas considerações a respeito do que encontrei em minha busca.

## **1.1 Contextos da pesquisa**



As mulheres sempre receberam tratamento diferenciado do homem, isso é ainda mais visível na área do trabalho, que até o salário da mulher é menor do que o salário de um homem que ocupa o mesmo cargo. De acordo com dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística, de 2019, mesmo enfrentando dupla ou tripla jornada de trabalho e o seu grau de estudo sendo em média 5% a mais do que comparado com os homens, ainda assim as mulheres recebem 20% menos do que os homens que ocupam o mesmo cargo e exercem as mesmas funções.

No cenário atual as mulheres vêm tomando consciência do quão importante é lutar por seu espaço e ter voz ativa. Os espaços políticos são os mais disputados, pois é através desses espaços que são debatidas pautas importantes e delas saem grandes decisões.

Muitas mulheres ainda têm dificuldades de ocupar cargos de poder, serem eleitas ou terem voz ativa nas tomadas de decisões políticas. Isso acontece devido à exclusão histórica das mulheres na política e que reverbera, até hoje, no nosso cenário de baixa representatividade feminina no governo (FLORENTINO, 2018, p. 1).

“É inegável que em todas as partes do mundo as mulheres continuam sendo marginalizadas nas esferas política uma vez que os cargos de poder foram historicamente ocupados por homens”, (COSTA e GONÇALVES, 2021, p. 98). Por isso é tão importante que a mulher adentre esses espaços políticos e represente toda a classe de mulheres mães, estudantes, chefe de família, donas de casa, agricultoras e demais trabalhadoras.

As afirmações de Costa e Gonçalves (2021) nos remete a compreensão de que partir do momento que as mulheres tomam consciência de que elas devem ter voz ativa e serem atuantes, surgem coletivos fortes e imponderadas, cooperativas, e associações como a ARM-SV que é o retrato da mulher forte e desbravadora, que ainda que tenham todos os afazeres domésticos, mesmo assim se dedicam a estudar com o coletivo de mulheres, trocar conhecimento e se prepararem para as lidas do dia a dia.

A ARM-SV é constituída por um número significativo de estudantes da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), que estudam no campus UnB de Planaltina - DF, o que contribuiu de forma significativa para a implementação da Associação, devido à formação oferecida pela LEdoC, com a construção de processos coletivos por meio da organicidade. A organicidade é uma prática de auto-organização que faz parte da formação da LEdoC, e contempla a formação humana em todas as dimensões. O Assentamento São Vicente tem 5 egressos e 15 cursando a Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC.

A Licenciatura em Educação do Campo é um curso de nível superior que visa a formação de professores e professoras para atuarem nas escolas do campo. O curso é oriundo das lutas populares, em destaque o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que teve papel fundamental na luta por esse direito, juntamente com o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. [...] “o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, ocorrida em 1998, resultado das reivindicações e pressão dos Movimentos Sociais e Populares do Campo” (MST, 2022).

A matriz curricular proposta desenvolve uma estratégia multidisciplinar de trabalho docente, organizando os componentes curriculares a partir de quatro áreas do conhecimento: Artes, Literatura e Linguagens; Ciências Humanas e Sociais; Ciências da Natureza e Matemática; e Ciências Agrárias (MOLINA; SÁ, 2011, pág. 137).

A Licenciatura em Educação do Campo é um curso em alternância, para proporcionar aos estudantes a manutenção do vínculo com a comunidade onde vivem. Assim, o curso é organizado em tempos educativos denominados Tempo Universidade (TU) e Tempo Comunidade (TC). O TU é o período em que os estudantes vão para a universidade e desenvolvem as atividades no modo presencial. Durante esse tempo os estudantes passam cerca de 60 dias imersos nos estudos. Para que isso ocorra, o *campus* da universidade tem um restaurante universitário (RU) e um alojamento para o acolhimento e permanência dos estudantes na Universidade. Ao término do TU os estudantes retornam para suas comunidades de origem para realizarem atividades de pesquisa e demais atividades de TC, tais como a inserção orientada na escola (IOE), inserção orientada na comunidade (IOC), Tempo de Estudos, e Seminários Territoriais de Tempo Comunidade (UNB, 2016, p. 17).

Na FUP/UnB (Universidade de Brasília) no *campus* de Planaltina, o curso é ofertado desde 2009 de forma regular. O *campus* possui alojamento para receber os estudantes que vem de várias comunidades rurais do entorno de Brasília e dos estados de Goiás e Minas Gerais.

O referido curso foi criado com o objetivo de formar educadores para atuar nas escolas de Educação Básica do Campo, com ênfase na construção da Organização Escolar e do Trabalho Pedagógico para os anos finais do

Ensino Fundamental e do Ensino Médio (UnB, 2016, p.14).

Os aprendizados e a experiência dos tempos formativos da LEdoC impulsionaram a iniciativa de retomar a Rede de Mulheres, um grupo organizado no Assentamento para se ajudarem mutuamente em questões que tocam o dia a dia das mulheres e do Assentamento, tais como formação, geração de renda, questões ambientais, etc.

A LEdoC, portanto, tem um papel importante nessa construção com sua presença no território e suas ações com a formação inicial, recebendo novas turmas e com a formação continuada oportunizando aos egressos concorrerem ao curso de pós graduação na universidade. Hoje a Associação conta com uma mestrande egressa da LEdoC, uma mulher engajada na comunidade e na escola e que contribui significativamente com a formação da própria Associação, da escola e da comunidade, por meio de projetos em agroecologia.

Esta pesquisa tem a intenção de divulgar a Associação Rede Mulher de São Vicente, suas lutas e suas conquistas no sentido de promover o seu reconhecimento na própria comunidade e na região, buscando firmar-se enquanto espaço de organização em busca da transformação social. Além da ARM-SV, estas mulheres têm suas atividades domésticas, estudo e trabalho fora de casa. A ideia é mostrar como elas se organizam da casa até a associação.

Cabe ressaltar que cada uma dessas mulheres está se lançando num desafio que é algo novo para a maioria, e que o sucesso da associação está em suas mãos. Este trabalho contempla algumas das atividades do coletivo da ARM-SV, sua organização interna e também o seu dia a dia na agricultura. A ARM-SV surgiu como uma proposta de um coletivo composto somente por mulheres, baseado em uma experiência bem sucedida de um coletivo de uma comunidade vizinha, que se organizou e nos inspirou com seus objetivos e propósitos.

A associação foi fundada em 8 de maio de 2020 e “tem por finalidades a orientação, assistência, estímulo, apoio técnico, defesa e representação legal das mulheres assentadas no projeto de assentamento São Vicente” (ASSOCIAÇÃO REDE MULHER DE SÃO VICENTE, 2020, não paginado), com a seguinte organização: presidenta e vice-presidenta; 1ª e 2ª secretárias, tesoureira, duas integrantes do conselho fiscal, duas suplentes para o caso de ausência de alguma das partes, conforme consta de seu estatuto (ASSOCIAÇÃO REDE MULHER DE SÃO VICENTE, 2020, não paginado)

Uma das metas que impulsionaram a criação e regularização da associação foi a corrida por um credenciamento, por meio de uma chamada pública para profissionais ou instituições

para fins de prestação de serviços ou receber concessões, junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para fins de construção e/ou reforma de casas na comunidade.

O estatuto foi uma construção coletiva, a partir do estatuto da associação vizinha também composta somente por mulheres. Com base nesse estatuto, o grupo se reuniu, estudou, debateu e finalmente chegou aos princípios que melhor contemplavam as metas e desafios do grupo.

O estatuto contém objetivos que são fundamentais para manter a unidade e o comprometimento das associadas. Entre os objetivos estão:

I: proporcionar às suas associadas o estímulo ao desenvolvimento agrícola, cultural e social; IV: estimular as práticas de estudos nas diversas áreas que atendam o indivíduo, a família e a comunidade; VII: receber, gerenciar, administrar e aplicar recursos financeiros recebidos e repassados pelos órgãos dos governos federais, estaduais, municipais [...] (ASSOCIAÇÃO REDE MULHER DE SÃO VICENTE, 2020, não paginado).

As associadas não pagam nenhum valor mensal para manter a associação, somente contribuem quando há custos de deslocamento, alimentação e despesas relacionadas a demandas da associação, desta forma, é feito um caixa com a contribuição de todas.

O que as mulheres querem com a associação? A associação é uma oportunidade de obter conhecimento, tanto teórico quanto prático, pois através dela as mulheres terão acesso a cursos de formação e também é um espaço para trocarem conhecimento e dialogar sobre temas diversos. O intuito dessa organização é unir força e conhecimento para buscar oportunidades para aumentar a renda de todas as famílias e impulsionar a economia local e a construção da autonomia.

A associação nasceu durante o período da pandemia de Covid-19, e devido ao isolamento social indicado pela OMS, ainda não foi possível organizar atividades de formação coletivas, todavia, isso deve ocorrer ao longo dos próximos meses. A partir disso, a associação terá novos caminhos a percorrer, com atividades como, por exemplo: o extrativismo dos frutos nativos do cerrado, como baru, sua castanha é rica em vitaminas e pode ser consumida em natura e é usada na culinária para fazer diversas receitas.

Um dos desafios da associação é a produção de alimentos agroecológicos na comunidade, além da falta de investimentos, a comunidade também sofre com a falta de água, o que torna a produção inviabilizado.

Com a titulação dos assentados, os créditos de apoio do Governo Federal tornam-se escassos, as chances de conseguir um crédito são quase nulas, a menos que a parcela seja dada

ao banco como garantia do pagamento, risco esse que ninguém está disposto a correr. O acesso a créditos é um dos problemas mais evidentes do campo, sem dinheiro não tem muito que fazer, além do trabalho braçal, desempenhado em sua maioria, com a ajuda de toda a família.

Há poucas políticas voltadas para as mulheres do campo, estas poucas políticas são desconhecidas ou são de difícil acesso, quando acessadas, as mulheres não têm instrução ou assistência técnica para aplicar os recursos de forma correta. Desta forma o dinheiro é gasto ao invés de investido, ao final do prazo a maioria não tem como pagar o auxílio e ainda tem que lidar com as dívidas.

Ao ingressar na LEdoC pude compreender a realidade onde estou inserida com um olhar mais crítico e perceber melhor as lutas por terra, educação e escola a partir de minha própria vivência, possibilitando perceber a realidade e nela atuar de forma organizada. A vivência da organicidade na LEdoC durante o Tempo Universidade (TU) e nas atividades do Tempo Comunidade (TC) constituíram uma base educativa importante para que eu chegasse até essa compreensão de que um projeto de transformação social passa pela organização e participação na vida da escola e da comunidade.

O campo é um lugar constituído por diversos processos de produção e lutas que juntos colaboram para a formação humana. A formação de educadores do campo atuantes em seu território pode transformar significativamente a realidade e a qualidade de vida da comunidade. Alguns aspectos da formação em Licenciatura em Educação do Campo colaboram para essa teoria.

Uma das lutas travadas hoje no campo é contra o avanço desenfreado do agronegócio, que tem como bandeira o uso massivo de agrotóxicos e as enormes plantações de monoculturas. Para contrapor esse sistema, a LEdoC contribui através da conscientização dos estudantes sobre as questões evidentes do campo, para que estes desenvolvam um olhar crítico de sua própria realidade. “[...] neste sentido que a teoria se constitui em força material e a consciência crítica um elemento fundamental e imprescindível na luta pela transformação das relações sociais marcadas pela alienação e exclusão [...]” (FRIGOTTO, 2008, p. 51).

A produção agroecológica é uma das potências dos povos do campo, que são responsáveis por alimentarem o mundo, conforme citação a seguir.

Os povos do campo, das águas e das florestas são os únicos capazes de produzir alimentos de forma Agroecológica para Alimentar o Mundo, pois cultivam em pequenas áreas e plantam diversas culturas no mesmo espaço, preservando a biodiversidade. Pois as práticas de uso sustentável da biodiversidade pelos povos indígenas, comunidades tradicionais e pela agricultura camponesa asseguram a conservação

desses bens comuns, como a Terra e a Água, que tem valor inestimável para a sociedade. (COSTA ; SPEZIA, 2017. p. 3).

Nesse sentido, a ARM-SV tem em seu projeto de atuação o propósito de promover ações que possibilitem a construção de uma vida social, cultural, ambiental e digna para se viver no campo.

## 1. REFERENCIAL TEÓRICO

O gênero feminino é associado à sexualidade e reprodução, essa ligação fez com que as mulheres permanecessem em um lugar de subordinação, onde o homem era o único mantenedor do lar. Após muita luta, as mulheres estão desconstruindo essa ideia e construindo a sua autonomia. A busca por igualdade tem ganhado força com a percepção das mulheres de que ainda existe na sociedade atual a necessidade de se impor contra os processos históricos de inferiorização da mulher, que continuam presentes em ambientes de trabalho, principalmente aqueles onde as mulheres exercem posição de liderança e são constantemente colocadas a prova para comprovar a sua capacidade.

A construção da autonomia feminina é um contexto bem mais amplo, trata-se de conquistar seu lugar de direito, de oportunidades que permitam deixar aflorar as potencialidades existentes em cada mulher. (WEYL, 2010, p. 4).

Mulheres são consideradas seres socialmente inferiores ao sexo oposto, isso reflete em todas as questões que se referem a atividades femininas, principalmente na renda. O valor pago ao trabalho desenvolvido por mulheres não é o mesmo valor que pago ao homem que desempenha o mesmo trabalho.

A Organização Mundial do Trabalho, em seu Relatório Global de Salários de 2018, estima que no Brasil a brecha salarial entre homens e mulheres esteja ao redor de 25%. Nesse mapa interativo, é possível comparar os números entre diversos países do mundo. Em 2021, a agência de empregos Catho publicou um estudo de que as mulheres que ocupam os mesmos cargos e realizam as mesmas tarefas que seus colegas homens chegam a ganhar até 34% menos que eles. Já o IBGE afirma que o rendimento médio das mulheres entre 40 e 49 anos, em 2018, era de R\$ 2.199, enquanto o dos homens chegava a R\$ 2.935. Os valores tendem a se aproximar quando a faixa etária diminui: entre pessoas de 25 a 29 anos, a

média do salário das mulheres era de R\$ 1.604, enquanto os homens recebiam R\$ 1.846. (FOLTER, 2021.p. 11).

De acordo com SANTOS (2012), apesar da sobrecarga imposta às mulheres, não existe garantia de renda por seu trabalho. Portanto, mesmo que a mulher tenha a mesma função que o homem e desempenhe as mesmas atividades, ainda assim o valor que é pago é inferior ao valor pago ao sexo oposto. O trabalho da mulher não é reconhecido como força de trabalho e sim como ajuda, isso é parte de todo um contexto histórico de uma sociedade dominada por uma cultura patriarcal e muito conservadora. Na época em questão, a mulher vivia para o lar, e para servir os filhos e o marido. A escolha da esposa ideal se dava por seus dotes culinários e cuidados com o lar. O cenário imposto para as mulheres era de luta por direitos e igualdade nas relações de gênero.

A inferiorização do trabalho da mulher desencadeia uma série de outras questões, dentre elas, a descredibilidade, que novamente coloca o homem como único que tem capacidade para executar certas atividades.

Cada modo específico de atualização da força de trabalho nem é inerente ao homem ou à mulher nem deriva de uma necessidade inerente aos representantes de um ou de outro sexo. A atividade trabalho, nas diferentes formas que assume ao longo da história não é senão o resultado histórico da luta do ser humano (homens e mulheres) com a natureza no processo social de produção de sua vida (SAFFIOTI, 2013, p.70).

Para SAFFIOTI (2004), essas relações de dominação e superioridade do homem para a mulher tem suas bases no patriarcado que:

1. Não se trata de uma relação privada, mas civil;
2. Dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, praticamente se restrição;
3. Configura um tipo hierárquico de relação que invade todos os espaços da sociedade (SAFFIOTI, 2013, p. 70).

Nesse contexto, podemos definir o patriarcado como um sistema de exploração, não somente do trabalho da mulher pelos homens, mas em todos os âmbitos e aspectos. Atualmente, as relações de desigualdade ainda imperam, não absoluto devido a casos isolados, mas não houveram muitos avanços de lá para cá. Ainda de acordo com Saffioti (2013) existem algumas profissões que foram desenhadas para homens e algumas mulheres se desafiam nessas atividades, como as áreas de engenharia, motoristas de caminhões, que precisam viver nas estradas sob o perigo constante e as mulheres do interior, que regem suas propriedades com coragem e resistência.

As mulheres camponesas sofrem com questões que vão mais além, que se referem a falta de políticas públicas de incentivo ao crescimento produtivo e atividades para aquisição de renda. O retrocesso no campo é mais evidente no âmbito feminino.

Os reflexos dessa construção social extremamente excludente foram sendo reproduzidos no seio das sociedades capitalistas e, por conseguinte, na formação dos Estados, que replicam em suas estruturas o patriarcado. (REIS, 2019, p. 215).

A disparidade de renda entre homens e mulheres no campo alcança outra dimensão, isso porque a divisão do trabalho se dá exclusivamente pela força de trabalho. Nessa divisão fica para a mulher a responsabilidade dos filhos e as tarefas domésticas, atividade esta que não é remunerada.

Ao considerar a participação das mulheres em espaços de debates e políticas, precisamos salientar o tratamento inferior que é dado a elas. Nos últimos tempos isso foi refletido na política nacional, no governo de Jair Bolsonaro. Houve muito retrocesso, perda de espaço e total desrespeito às mulheres, como pôde ser visto com frequência nas mídias e redes sociais. Os avanços que levaram anos para serem conquistados se perderam em meio a tantos discursos de ódio e menosprezo para com as mulheres e aqueles que estão às margens da sociedade.

Ainda de acordo com Reis (2019), é preciso combater todas as formas de opressão e dominação, e romper os modelos do patriarcado que permeiam o tempo e, seguem travando o processo emancipação feminina, que cessará essa disparidade entre homem e mulher.

Nesse contexto, fica claro que o debate de gênero não é fala de mulher para mulher, mas, uma questão maior que precisa ser entendida e trabalhada com o sexo oposto. Para que haja transformação de verdade, tem que ter consciência social e humana.

## **2.Organização social das mulheres**

A organização das mulheres em coletivos, associações e posteriormente em movimentos sociais ocorre há muitas décadas, e desde então as mulheres têm tido êxito em suas lutas e conquistaram muito espaço e voz. As Articulações de Movimentos de Mulheres trabalhadoras do Campo da região Sul e da região Nordeste surgiram em 1988, nos anos seguintes essas mulheres organizadas lutaram por direitos essenciais para todos, o direito a saúde pública de qualidade, o SUS (Sistema Único de Saúde). E também pelo direito previdenciário, e assim



travaram uma luta pelo direito ao salário maternidade para as mulheres do campo. Após uma imensa mobilização das mulheres camponesas, o Salário Maternidade foi aprovado em 1994, beneficiando todas as agricultoras e mães.

Após essa jornada de luta os movimentos de mulheres ganharam força e se intensificaram, várias articulações e congressos foram constituídos no intuito de fortalecer a luta das mulheres. Posteriormente, os coletivos se firmaram e serviram de inspiração para a formação de muitos outros coletivos de mulheres camponesas, que se uniram na luta por direitos fundamentais e benéficos não somente para as mulheres, mas, para todos.

No assentamento São Vicente ainda há pouco dessa organização, mas, a ARM-SV iniciou uma jornada de formação de um coletivo forte, que busca desenvolver um trabalho com a mulheres da comunidade em prol da melhoria da qualidade de vida para suas famílias, através de renda e formação.

## 2.1 Educação do campo e formação de educadora/es

A Educação do Campo é uma conquista das trabalhadoras e dos trabalhadores do campo que, organizados, lutaram por uma educação do e para o campo que contemplasse a formação dos sujeitos do campo em todos os seus níveis. Isso significa dizer que a Educação do Campo nasce da luta dos movimentos sociais, sindicais e populares do campo e suas práticas estão vinculadas a um projeto maior, um projeto de país.

*A Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas (CALDART, 2012, p. 259, grifos da autora).*

Trouxe essa fala de CALDART, que se articula à Associação Rede Mulher de São Vicente, quando esta Associação luta por melhores condições de vida para a comunidade, incluindo a questão de se manter na terra e dela tirar o sustento, ter acesso às políticas pertinentes ao campo, e aqui eu não poderia deixar de falar da formação de educadoras/es.

Conforme destaca Arroyo (2007),

*Os movimentos sociais reivindicam que nos programas de formação de educadoras e educadores do campo sejam incluídos o conhecimento do campo, as questões relativas ao equacionamento da terra ao longo de nossa história, as tensões no campo entre o latifúndio, a monocultura, o agronegócio e a agricultura familiar; conhecer os problemas da reforma agrária, a expulsão da terra, os movimentos de luta pela terra e pela agricultura camponesa, pelos territórios dos quilombos e dos povos indígenas. (ARROYO, 2007, p.167).*

Conhecer o campo de atuação é umas das premissas para o educador obter sucesso em seu propósito. Para ensinar é preciso dominar o conteúdo no qual esta abordando, sem um conhecimento prévio o educador esta fadado ao fracasso e certamente terá uma classe cheia de estudantes perdidos e desinteressados. Portanto, a formação de educadores do campo deve ser específica, contendo saberes do campo, cultura, tradições, conhecimento agroecológico, questão agrária e identidade dos sujeitos do campo, com foco na realidade local.

A formação de profissionais para atuarem nas escolas do campo é uma das bandeiras dos movimentos sociais do campo, que entendem que a educação nas escolas do campo deve abranger a formação dos sujeitos do campo no e para o campo, e não o modelo tradicional de ensino que forma mão de obra mercantil.

Os educadores do campo devem atuar levando em conta vários aspectos do território onde a escola é localizada, as raízes do povo, cultura, os processos de produção na terra, que formam a identidade daquele povo. Todavia, o educador atuante na escola do campo vai além da sala de aula. Quando o educador toma consciência da indissociabilidade do ser com o seu território, ele compreende então a sua essência que no dizer de Arroyo (2007).

Esta seria uma das marcas de especificidade da formação: entender a força que o território, a terra, o lugar tem na formação social, política, cultural, identitária dos povos do campo. Sem as matrizes que se formam sem entender a terra, o território e o lugar como matrizes formadoras, não seremos capazes de tornar a escola um lugar de formação (ARROYO, 2007, p. 163).

A Licenciatura em Educação do Campo forma educadoras/es em regime de alternância, o que possibilita a permanência dos estudantes em suas comunidades durante os anos de formação. Essa proposta de formação fortalece o vínculo dos futuros docentes com sua comunidade.

A LEdoC possibilita aos estudantes desenvolverem a organização coletiva. Assim, vivenciam o curso por meio da organicidade, com divisão de tarefas e auto-organização. Esse processo contribui para que os estudantes pratiquem na escola e na comunidade. As experiências vividas no Tempo Universidade fazem com que ao retorno para a comunidade, os estudantes adquiram mais consciência e possam a ter uma visão mais ampla do contexto onde vivem. A sua inserção na escola e na comunidade ocorre gradativamente, de forma a colaborar com os processos organizativos das escolas, dos movimentos sociais e das associações existentes na comunidade.

A construção da autonomia é parte do processo formativo da LEdoC – Licenciatura em Educação do Campo. Entende-se que sujeitos conscientes do seu papel no meio em que vivem, são capazes de transformar a realidade a sua volta. A consciência de classe e a autonomia são parte do processo no sistema produtivo (MARX, ENGELS, 1998, p.38).

A construção de uma sociedade sem divisão de classes e sem a inferiorização das raças é a visão de sociedade ideal, uma utopia que diariamente é motivo de debates, mas, pouco se avança. Para tal, é preciso descobrir onde está o problema que impede que o avanço torne-se real, e progredir na construção do projeto de sociedade ideal.

Partindo da premissa de que todo coletivo bem organizado é passível de ter mais sucesso, compreende-se que é imprescindível fortalecer os processos organizativos internos da Associação Rede Mulher de São Vicente, tendo como certo que esse fortalecimento faz com que o coletivo fique muito mais unido e ciente do caminho a percorrer e conscientes da necessidade de avançar nessa caminhada.

A auto-organização das mulheres da ARM-SV em meio à pandemia de Covid-19 não foi uma tarefa fácil, devido ao momento e todas as dificuldades acarretadas pelo avanço do vírus que chegou até as comunidades mais remotas, provocando perdas de vidas humanas e por consequência, muito sofrimento.

Em meio a tanto caos e as tarefas do dia a dia que são tachadas como “trabalho de mulher”, surgem mulheres combatentes que tomam um tempo para adentrar na organização interna da associação e contribuir com sua participação enquanto mulher. Esse trabalho de valorização do trabalho das mulheres é mais um ponto em meio a tantas outras na extensa pauta de reivindicações para valorização da mulher. Questões essas que são fundamentais para vencer o abismo que há entre o valor que é dado para homem e mulher.

A participação da mulher na política é um meio de combater grande parte dessa exclusão, quanto mais mulheres presentes nos espaços de debate e decisões mais chances de vencer os modelos arcaicos da política que delimita a participação feminina nesses espaços. É importante trabalhar junto aos coletivos a questão da ocupação dos espaços políticos, e conscientizar de que a inclusão nesses espaços, majoritariamente masculino, é sim o caminho para a transformação dessa sociedade, afinal, ninguém tem mais propriedade para falar de mulher do que as próprias mulheres.

Os sistemas de dominação que perduram desde os tempos antigos permanecem ditando as regras na sociedade atual, agora mascarado e agindo nas entrelinhas, em locais tidos

como de paz, ou com palavras imorais e atos libidinosos no ambiente de trabalho ou no transporte coletivo na ida e volta do trabalho. Esses sistemas de dominação interferem diretamente na produção do trabalho da mulher e por isso merece e deve ser estudado com aprofundamento.

### 3 METODOLOGIA

Para atingir os objetivos da pesquisa foi escolhida a abordagem qualitativa e o método foi a pesquisa-ação. Na fase exploratória foram realizadas descrições das atividades cotidianas, observação participante, relatos de associadas e foram feitas fotos do dia a dia das mulheres, na intenção de mostrar e problematizar as questões que envolvem as atividades da ARM-SV.

“[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estrita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986, p. 14).

O meu envolvimento nas atividades da Associação e das demais integrantes, fazem com que estejamos em coletividade discutindo, analisando, verificando e refletindo acerca do nosso projeto, traçando rumos e atentas ao seu percurso na linha dos nossos propósitos que são contribuir para uma sociedade igualitária, com autonomia das mulheres, atuando de modo cooperativo, coletivo e solidário, isto é, pensando no bem da comunidade. “Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados” (THIOLLENT, 1986, p. 16).

A escolha da pesquisa-ação foi direcionada pelo fato da minha atuação na Associação Rede Mulher de São Vicente (ARM-SV), como integrante e pela minha atuação militante junto com as demais associadas. Descobri que fazer uma pesquisa-ação sendo parte do objeto de estudo constitui um desafio. A pesquisadora precisou fazer um certo distanciamento para não confundir o que era e o que deveria ser. A busca de solução para os problemas em coletividade contribui para refletir sobre as práticas desenvolvidas e possibilita um melhor direcionamento das ações. Com o levantamento e a análise dos problemas nesta pesquisa pretendemos, além de fortalecer a Associação e divulgar o seu trabalho, reorganizar o planejamento e o desenvolvimento de um programa que possibilite encontrar caminhos para ações mais efetivas envolvendo a comunidade e a escola.

Os procedimentos utilizados na pesquisa constituíram-se no registro das atividades da Associação com fotos (Anexo 1), produção de um vídeo para a pesquisa e também para ser apresentado à banca examinadora. O vídeo está disponível no youtube conforme link <https://youtu.be/xlkTaz0X6tM>, referenciado ao final deste trabalho. Esse material mostra a organização, a produção e o dia a dia das mulheres na associação; Também demonstra todo o processo de criação da Associação até os dias atuais; Outro procedimento foi a consulta documental (estatuto e ata de fundação da associação, arquivos da associação) para levantar dados a respeito da criação e do processo de desenvolvimento. A consulta serviu para estudar os documentos e trazer algumas informações para compor o presente texto. Como recurso para ouvir diretamente as mulheres foi a aplicação de um questionário enviado por meio de WhatsApp para as mulheres que fizeram parte desta pesquisa. Essa mídia vem sendo bastante utilizada na comunidade, sendo principal forma de comunicação entre as associadas da Associação Rede Mulher de São Vicente - ARM-SV.

O whatsapp foi a ferramenta mais utilizada durante o período pandêmico, entre 2019 e 2021, quando as pessoas foram obrigadas a manter distanciamento social para evitar a contaminação pelo vírus que vitimou milhares de pessoas em todo o mundo, seguindo recomendações da OMS – Organização Mundial da Saúde. Essa ferramenta se tornou o meio de comunicação mais usado pelas pessoas para saber notícias de um familiar, estudar e trabalhar. Deste modo, a ferramenta se concretizou como meio de comunicação rápido, prático e muito útil, e tem sido o principal meio de comunicação da ARM-SV.

Dessa forma, o universo da pesquisa foi constituído pelas mulheres da Associação. Foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para autorização do uso dos dados da pesquisa, conforme documento (Apêndice A).

Um fator que faz parte da rotina das mulheres agricultoras é a necessidade de levar os filhos para o trabalho, e assim logo cedo estes são inseridos na realidade da família. Essas crianças aprendem com os pais sobre seu trabalho e participam ativamente, contribuindo como podem. Dito isso, as figuras 1 e 4 disponíveis em anexo neste material, apresentam esta realidade, as crianças e suas mães no dia a dia da colheita no campo.

### **3.1 Resultados e discussão**

O caminho trilhado para chegar aos resultados da pesquisa apontaram elementos importantes para repensar a ARM-SV, tanto no que diz respeito às atividades, quanto ao

reconhecimento. Vários fatores estão presentes na análise que se segue, a partir dos documentos, das observações, questionário, fotos e vídeo. A trajetória da Associação exige uma dinâmica de envolvimento das mulheres, mesmo em contextos pouco favoráveis ou desfavoráveis, seja falta de recursos para a agricultura, ausência de políticas públicas e políticas escassas, entre outros.

Com a pandemia de Covid-19 e as recomendações de distanciamento social, muitas pessoas têm optado pelo uso das redes sociais para se comunicarem. No caso da ARM-SV esta prática tem sido comum, devido a esses fatores e a também a dificuldade de juntar as mulheres nos encontros presenciais. Além das atividades domésticas, essas mulheres ainda estão imersas nas atividades do campo e muitas são as responsáveis pela única renda da família ou pela renda principal.

A pesquisa previa roda de conversa para produção dos dados, mas, diante das limitações para a realização dos encontros presenciais com as Mulheres da Associação, o grupo optou pelo uso de um questionário via mídia eletrônica. Assim foi construído um questionário pelo Google forms e enviado pelo WhatsApp, entre os dias 10/02/2023 a 13/02/2023. As questões eram sobre a atuação da Associação e suas principais dificuldades enquanto coletivo constituído somente por mulheres. Com base nas respostas adquiridas podemos identificar e nortear novos horizontes para a Associação.

As perguntas enviadas para o grupo foram:

1. Qual a importância de uma Associação constituída somente por mulheres?

Para esta pergunta as mulheres responderam que um grupo só de mulheres é importante para a organização das mulheres para lutarem por seus direitos, ter um espaço para se expressarem. E outras responderam que o grupo é um espaço de oportunidades, encorajamento e de fortalecimento.

2. Quais desafios a Associação enfrentou até hoje, desde sua constituição?

Quando perguntadas sobre os desafios enfrentados, as mulheres citaram a pandemia como desafio principal, seguido da aceitação social e o comodismo.

3. A Associação Rede Mulher de São Vicente viu a necessidade de formalização para participar de uma licitação do INCRA, para construção e reforma de moradias nos assentamentos. Em sua opinião, a falta de resposta do órgão tem haver com o fato da Associação ser constituída somente por mulheres?

Nesta questão, 50% das mulheres responderam que sim, que acham que a falta de resposta do órgão se deve ao fato da Associação ser constituída somente por mulheres. Enquanto as outras 50% discordaram.

4. Por quê?

Questionadas sobre a resposta dada a pergunta anterior, 5 mulheres responderam que acreditam que a falta de resposta do órgão está relacionada ao fato de ser um grupo composto por mulheres. As demais responderam que não acreditam ser esta a razão da falta de resposta. E sim o fato de que a prefeitura, que é um órgão público, ter sido priorizada.

5. A pandemia afetou de alguma forma a Associação? Se sim, de que forma?

Para esta questão apenas 1 mulher respondeu que acredita que a Associação fez o que foi possível, dentro dos limites impostos. Todas as outras afirmaram que a pandemia dificultou muito o andamento da Associação e a consolidação de apoios e parcerias.

6. Sabemos que nas comunidades rurais existem diversas demandas relativas ao trabalho e renda da comunidade e muitos outros. Em qual demanda a Associação poderia ajudar as mulheres e suas famílias na comunidade?

Com relação a renda, as mulheres são categóricas em dizer que a criação de projetos específicos, que vão de encontro a realidade das mulheres e suas famílias, é o caminho para a geração de renda na comunidade, estes projetos também devem atender a família como um todo, mulheres, crianças e os jovens.

7. Você acha que processos de formação, como cursos, palestras e oficinas são importantes para a Associação.

Sobre os processos de formação todas as mulheres concordam que o conhecimento é essencial para e pode transformar a Associação, a vida das mulheres e a realidade da comunidade.

8. Use este espaço para deixar sua mensagem, opinião ou sugestão.

Este espaço foi pensado para que as mulheres pudessem discorrer sobre qualquer assunto que não tenha sido contemplado nas questões acima, ou deixar alguma contribuição, sugestão ou comentário.

As mensagens deixadas foram pedidos de mais processos formativo, oficinas e palestras. Uma das mulheres lembrou a importância da Associação e pediu mais empenho das companheiras. A busca por parcerias também foi um dos pontos que surgiu com muita ênfase nas mensagens, as mulheres acreditam que a Associação precisa firmar parcerias para se consolidar e obter sucesso em seu objetivo.

É importante ressaltar que todas as mulheres da associação foram convidadas a participar da pesquisa. Elas são membros e fundadoras da Associação, contribuíram com o processo de formalização, construção do estatuto e a da corrida junto ao INCRA para pleitear um processo de licitação. No entanto, nem todas puderam atender ao convite e ao final foram 10 mulheres que responderam o questionário.

As mulheres que participaram da pesquisa são moradoras do Assentamento São Vicente e membros da Associação Rede Mulher de São Vicente (ARM-SV) e estão na faixa etária de 29 a 58 anos de idade. Dentre elas estão profissionais da rede municipal e estadual de educação, professoras, coordenadoras, merendeiras e serviços gerais, concursadas e contratos temporários. Também tem trabalhadoras com carteira assinada, autônomas e agricultoras.

Quase todas essas mulheres possuem formação de nível superior ou técnico, pós-graduação e segunda graduação, e uma está no mestrado.

As mulheres da ARM-SV são mães, avós, esposas, agricultoras e ainda trabalham fora de casa. Essas mulheres estão comprometidas com um projeto de uma sociedade ideal a qual esperam ajudar a construir.

Dentre as perguntas encaminhadas foram elaboradas questões de gênero, sobre qual a importância de uma Associação constituída somente por mulheres e quais os principais desafios. Sobre a importância de a Associação ser constituída somente por mulheres todas as associadas reconheceram a importância e o papel social da Associação, e também os fatores que desafiam os processos de valorização e protagonismos do grupo. A pandemia foi um dos pontos destacados como maior desafio enfrentado, além do comodismo de algumas mulheres e o processo de aceitação social, que reflete os valores de uma sociedade conservadora e patriarcal.

Foi perguntado também sobre o início da Associação e seu processo de formalização, que se deu devido a uma oportunidade que o grupo encontrou em participar de um processo de licitação junto ao INCRA, na ocasião o grupo se reuniu para falar sobre o assunto e interesse na licitação, visto que houve concordância unânime, o grupo iniciou o processo de formalização da Associação. Na questão encaminhada as associadas, foi perguntado se o fato de ser uma Associação constituída somente por mulheres ter interferido na falta de resposta do órgão. Até a presente data o INCRA não respondeu a inscrição da Associação. De acordo com a maioria, esse não foi o que pesou na decisão do órgão, e sim o fato de ter dado preferência á prefeitura, que foi a única credenciada pelo INCRA para construir e reformar as casas nos assentamentos do município de Flores de Goiás-GO. A outra parte respondeu que acredita sim que houve



preconceito por parte do órgão, com relação a capacidade gestora e administrativa das mulheres.

Sobre as ações coletivas durante a pandemia de Covid-19, o grupo foi unânime em responder que a pandemia afetou de forma direta as atividades da Associação, como encontros do grupo e os processos de formação, que são importantíssimos para a Associação.

Com relação à renda das mulheres e suas famílias foi perguntado o que a Associação poderia viabilizar, enquanto organização. As mulheres responderam que a Associação tem um enorme potencial para melhorar a vida econômica na comunidade, através de cursos de capacitação, oficinas e elaboração de projetos para buscar recursos para atender várias demandas, como: artesanato; hortaliças; corte e costura e muito outros. Todas concordaram que os processos formativos são imprescindíveis para a formação humana e a qualificação profissional. Além de ajudar no desenvolvimento da Associação.

Após uma análise sobre os dados levantados, identificamos questões relevantes ao processo de construção da emancipação feminina.

Ao mesmo tempo em que é essencial alcançar os espaços de construção do conhecimento científico e histórico, incluindo a categoria de gênero e a teoria feminista aos mais diversos campos de estudo e de saberes, também é fundamental, nesse processo de emancipação feminina, a apropriação de espaços de expressão artística, estética e literária (REIS; CARGNELLUTI, p. 275).

Também foi possível identificar que todas as mulheres reconhecem as dificuldades que um coletivo exclusivamente feminino encontrará ao longo do caminho. Os processos de formação foram reconhecidos como primordiais para o sucesso do coletivo. E a formação das egressas da LEdoC foi uma ferramenta que determinou em vários momentos muitos fatores importantes, desde a linha de atuação da Associação até a construção coletiva dos documentos que regem este grupo.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Fazer esta pesquisa no Assentamento São Vicente, tendo como objeto de estudo a Associação Rede Mulher de São Vicente trouxe elementos que contribuem para pensar a questão da mulher na sociedade atual, com sua força e sua luta em busca de conquistar

espaços para atuar em diferentes espaços e construir a sua autonomia. A intenção da pesquisa foi trazer à discussão a ARM-SV, seu papel na comunidade e dar a conhecer o trabalho que vem realizando, por meio de uma coletividade auto-organizada.

Os desafios para a ARM-SV são muitos e a disposição das mulheres em manter e fortalecer essa caminhada foi um aspecto apresentado durante a pesquisa, porque esses elementos estão presentes no seu cotidiano. A Associação é o espaço apropriado, segundo as intenções das dessas mulheres, intenções essas expressas nos documentos de fundação da Associação.

A pesquisa evidenciou que a formação da LEdoC contribui para a construção educadora, um educador militante e atuante em sua realidade quando apresenta questões ligadas ao campo e suas lutas, oferecendo elementos às/aos estudantes futuras e futuros educadoras/es que deem conta de entender o campo, perceber as lutas que necessárias para a construção de um projeto de campo que propicie uma vida digna para todas as pessoas que vivem no e do campo.

## 5. REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **Políticas de formação de educadores (as) do campo**. Caderno Cedes, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 157-176, maio/ago. 2007. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v27n72/a04v2772.pdf>> Acesso em 22/04/2022

ASSOIAÇÃO REDE MULHER DE SÃO VICENTE. **Estatuto da Associação**, Flores de Goiás, 2020.

ASSOIAÇÃO REDE MULHER DE SÃO VICENTE. ARM SV - Uma Associação que valoriza a mulher, 2023

Disponível em:

<https://youtu.be/xlkTaz0X6tM>

Acesso em 16.02.2023

ASTELARRA, Judith. **Veinte Años de Políticas de Igualdade**. In: **Feminismos**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2009.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016.

Disponível em:

[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf).

Acesso em 27 de dezembro de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Panorama da Educação do Campo**. Brasília: MEC/INEP, 2006.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaodocampo/panorama.pdf>  
Acesso em: 17.02.2023

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Organizadores). Dicionário da Educação do Campo, Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, pp. 257-265.

CORALINA, Cora. Todas as Vidas. In: “**Poema dos becos de Goiás e estórias mais**”. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1965.

Disponível em: <https://www.revistapazes.com/todas-as-vidas-poema-de-cora-coralina/>  
Acesso em 05.05.2022

COSTA, Ricardo Sérvulo F. da; GONÇALVES, Rogério Magnus, V. **PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA POLÍTICA BRASILEIRA**. Direito e desenvolvimento. João Pessoa. Volume 12. Número 1. Jan/jun de 2021.

COSTA, Patricia; SPEZIA, Adilvane. Agroecologia como modo de Ser e Viver: Povos do Campo, das águas e florestas participam do Congresso de Agroecologia 2017. In: <https://contrafbrasil.org.br/noticias/agroecologia-como-modo-de-ser-e-de-viver-povos-do-campo-das-aguas-e-floresta-par-bcb3/#:~:text=Os%20povos%20do%20campo%2C%20das%20%C3%A1guas%20e%20das%20florestas%20s%C3%A3o,mesmo%20espa%C3%A7o%2C%20preservando%20a%20biodiversidade>. Acessado em: 22 de fevereiro de 2023

FLORENTINO, Karoline. **Representatividade das mulheres na política**.

Disponível em:  
<https://www.politize.com.br/mulheres-na-politica/>  
Acessado em 23/03/2022.

FOLTER, Regiane. Igualdade salarial entre homens e mulheres: o que diz a legislação brasileira?. Disponível em: <https://www.politize.com.br/igualdade-salarial-entre-homens-e-mulheres/>.

Acesso em: 18/04/2023.

GUIMARÃES, Jorge F. de Oliveira. **História do Assentamento**. Disponível em <https://assentamentosaovicente.wordpress.com/historia-do-assentamento/> acessado em: 23/03/2022.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **O Manifesto do Partido Comunista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, 10ª Edição – Coleção Leitura.

FRIGOTO, G. **Interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais**. Revista do Centro de Educação e Letras, v 10, n. 1, p. 41-62, 1º sem. 2008

REIS, Ana Terra; **As mulheres e as Políticas Públicas: Os Avanços e os Retrocessos em Tempos de Resistência**. Revista Pegada. Vol. 20 n° 1. Jan/abr de 2019.

MST. Pronera: 24 anos de conquista e resistência na Educação do Campo. Abril de 2022. Disponível em: <https://mst.org.br/2022/04/16/pronera-24-anos-de-conquista-e-resistencia-na-educacao-do-campo%EF%BF%BC/> Acessado em: 22/02/2023.

REIS, Marcus V; CARGNELUTTI, Camila M. **A dominação masculina em questão: Emancipação das Mulheres e Pensamento Feminista**. Revista Ártemis. Volume XXIX. Nº 1. Jan/jun de 2020.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 2º Ed. São Paulo. Expressão Popular. 2013.

SANTOS, Michela K. Calaça. A. **Rompendo a cerca do isolamento: as relações entre a Agroecologia e as questões de gênero**. Recife: A autora, 2012.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação).

UnB. Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo. Faculdade de Planaltina, 2016.

WEYL, Luana M. **Combater a feminização da pobreza com empoderamento feminino – a experiência do projeto de extensão universitária: “Promotoras Legais Populares” da Universidade de Brasília**. Disponível em: [http://www.unl.edu.ar/iberoextension/dvd/arc\\_hivos/ponencias/mesa4/combater-afeminizacao-da-po.pdf](http://www.unl.edu.ar/iberoextension/dvd/arc_hivos/ponencias/mesa4/combater-afeminizacao-da-po.pdf). Acesso em: 22/04/202.

MOLINA, Monica C. HAGE, Salomão Mufarrej. **Política de formação de educadores do campo no contexto da expansão da educação superior**. Natal: Revista Educação em Questão, 2015.

## APÊNDICES

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### APÊNDICE A

##### APÊNDICE A

###### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).

Tema da pesquisa: ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DE SÃO VICENTE: a importância das mulheres agricultoras, artesãs para a comunidade.

A pesquisa tem como principal objetivo analisar a atuação das mulheres na ARM-SV para saber como se organizam e quais as propostas para a comunidade, a fim de compreender os processos de fortalecimento da Associação.

Orientadora da pesquisa: Maria Osanette de Medeiros. Telefone (61) 99994-2491.

Pesquisadora: Sidlene da Trindade Teixeira. Telefone: (61) 9 9672 3521.

As participantes da pesquisa a fazem de forma voluntária e são livres para, a qualquer momento que desejem e em qualquer fase da pesquisa, recusarem-se a participar ou retirar seu consentimento de participação, sem qualquer prejuízo a elas mesmas e à pesquisadora. Em caso de não aceitação de divulgação de imagem, som e voz asseguramos total sigilo das informações, depoimentos e dos dados fornecidos, utilizando pseudônimo para manter o anonimato de sua identidade, dentro dos princípios éticos da pesquisa.

Eu, Ana Paula Nunes Moura Carteira de identidade nº 1533102-79 telefone: 61 9924-8635

Declaro que li este documento. Entendi os propósitos da mesma e sinto-me esclarecida a participar da pesquisa, dando o meu consentimento livre.

Assinatura: Ana Paula Nunes Moura Data: 23/02/2023

## APÊNDICE B

### APÊNDICE A

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).

Tema da pesquisa: ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DE SÃO VICENTE: a importância das mulheres agricultoras, artesãs para a comunidade.

A pesquisa tem como principal objetivo analisar a atuação das mulheres na ARM-SV para saber como se organizam e quais as propostas para a comunidade, a fim de compreender os processos de fortalecimento da Associação.

Orientadora da pesquisa: Maria Osanette de Medeiros. Telefone (61) 99994-2491.

Pesquisadora: Sidlene da Trindade Teixeira. Telefone: (61) 9 9672 3521.

As participantes da pesquisa a fazem de forma voluntária e são livres para, a qualquer momento que desejem e em qualquer fase da pesquisa, recusarem-se a participar ou retirar seu consentimento de participação, sem qualquer prejuízo a elas mesmas e à pesquisadora. Em caso de não aceitação de divulgação de imagem, som e voz asseguramos total sigilo das informações, depoimentos e dos dados fornecidos, utilizando pseudônimo para manter o anonimato de sua identidade, dentro dos princípios éticos da pesquisa.

Eu, Cristiane de Jesus Assis Carteira  
de identidade nº 2899058 telefone: 61999634330

Declaro que li este documento. Entendi os propósitos da mesma e sinto-me esclarecida a participar da pesquisa, dando o meu consentimento livre.

Assinatura: Cristiane de Jesus Assis Data: 23/02/2023.

## APÊNDICE C

### APÊNDICE A

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Tema da pesquisa: ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DE SÃO VICENTE: a importância das mulheres agricultoras, artesãs para a comunidade.

A pesquisa tem como principal objetivo analisar a atuação das mulheres na ARM-SV para saber como se organizam e quais as propostas para a comunidade, a fim de compreender os processos de fortalecimento da Associação.

Orientadora da pesquisa: Maria Osanette de Medeiros. Telefone (61) 99994-2491.

Pesquisadora: Sullene da Trindade Teixeira. Telefone: (61) 9 9672 3521.

As participantes da pesquisa a fazem de forma voluntária e são livres para, a qualquer momento que desejem e em qualquer fase da pesquisa, recusarem-se a participar ou retirar seu consentimento de participação, sem qualquer prejuízo a elas mesmas e à pesquisadora. Em caso de não aceitação de divulgação de imagem, som e voz asseguramos total sigilo das informações, depoimentos e dos dados fornecidos, utilizando pseudônimo para manter o anonimato de sua identidade, dentro dos princípios éticos da pesquisa.

Eu, Edulânia Santos de Assis Pereira Carteira de identidade nº 3.310.943 telefone: 61199357281

Declaro que li este documento. Entendi os propósitos da mesma e sinto-me esclarecida a participar da pesquisa, dando o meu consentimento livre.

Assinatura: Edulânia Santos de Assis P. Data: 23/07/2023

**APÊNDICE D****APÊNDICE A****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).**

Tema da pesquisa: ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DE SÃO VICENTE: a importância das mulheres agricultoras, artesãs para a comunidade.

A pesquisa tem como principal objetivo analisar a atuação das mulheres na ARM-SV para saber como se organizam e quais as propostas para a comunidade, a fim de compreender os processos de fortalecimento da Associação.

Orientadora da pesquisa: Maria Osanette de Medeiros. Telefone (61) 99994-2491.

Pesquisadora: Sidlene da Trindade Teixeira. Telefone: (61) 9 9672 3521.

As participantes da pesquisa a fazem de forma voluntária e são livres para, a qualquer momento que desejem e em qualquer fase da pesquisa, recusarem-se a participar ou retirar seu consentimento de participação, sem qualquer prejuízo a elas mesmas e à pesquisadora. Em caso de não aceitação de divulgação de imagem, som e voz asseguramos total sigilo das informações, depoimentos e dos dados fornecidos, utilizando pseudônimo para manter o anonimato de sua identidade, dentro dos princípios éticos da pesquisa.

Eu, Elome Aparecida Santana Baliza Carteira de identidade nº 5313548 telefone: (62) 998364874

Declaro que li este documento. Entendi os propósitos da mesma e sinto-me esclarecida a participar da pesquisa, dando o meu consentimento livre.

Assinatura: Elome Aparecida S. Baliza Data: 23/02/2023

---



## APÊNDICE E

### APÊNDICE A

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Tema da pesquisa: ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DE SÃO VICENTE: a importância das mulheres agricultoras, artesãs para a comunidade.

A pesquisa tem como principal objetivo analisar a atuação das mulheres na ARM-SV para saber como se organizam e quais as propostas para a comunidade, a fim de compreender os processos de fortalecimento da Associação.

Orientadora da pesquisa: Maria Osanette de Medeiros. Telefone (61) 99994-2491.

Pesquisadora: Sidlene da Trindade Teixeira. Telefone: (61) 9 9672 3521.

As participantes da pesquisa a fazem de forma voluntária e são livres para, a qualquer momento que desejem e em qualquer fase da pesquisa, recusarem-se a participar ou retirar seu consentimento de participação, sem qualquer prejuízo a elas mesmas e à pesquisadora. Em caso de não aceitação de divulgação de imagem, som e voz asseguramos total sigilo das informações, depoimentos e dos dados fornecidos, utilizando pseudônimo para manter o anonimato de sua identidade, dentro dos princípios éticos da pesquisa.

Eu, faqueline Mendes dos Santos Carteira de identidade nº 3259464 telefone: (61) 99689-0592

Declaro que li este documento. Entendi os propósitos da mesma e sinto-me esclarecida a participar da pesquisa, dando o meu consentimento livre.

Assinatura: faqueline Mendes dos Santos Data: 23/07/2023

## APÊNDICE F

### APÊNDICE A

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).

Tema da pesquisa: ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DE SÃO VICENTE: **a importância das mulheres agricultoras, artesãs para a comunidade.**

A pesquisa tem como principal objetivo analisar a atuação das mulheres na ARM-SV para saber como se organizam e quais as propostas para a comunidade, a fim de compreender os processos de fortalecimento da Associação.

Orientadora da pesquisa: Maria Osanette de Medeiros. Telefone (61) 99994-2491.

Pesquisadora: Sidlene da Trindade Teixeira. Telefone: (61) 9 9672 3521.

As participantes da pesquisa a fazem de forma voluntária e são livres para, a qualquer momento que desejem e em qualquer fase da pesquisa, recusarem-se a participar ou retirar seu consentimento de participação, sem qualquer prejuízo a elas mesmas e à pesquisadora. Em caso de não aceitação de divulgação de imagem, som e voz asseguramos total sigilo das informações, depoimentos e dos dados fornecidos, utilizando pseudônimo para manter o anonimato de sua identidade, dentro dos princípios éticos da pesquisa.

Eu, Raula Dias Lopes Caetano Carteira  
de identidade nº 4803291 telefone: 61 99687-5710

Declaro que li este documento. Entendi os propósitos da mesma e sinto-me esclarecida a participar da pesquisa, dando o meu consentimento livre.

Assinatura: Raula Caetano Data: 10/02/2023

## APÊNDICE G

### APÊNDICE A

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).

Tema da pesquisa: ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DE SÃO VICENTE: **a importância das mulheres agricultoras, artesãs para a comunidade.**

A pesquisa tem como principal objetivo analisar a atuação das mulheres na ARM-SV para saber como se organizam e quais as propostas para a comunidade, a fim de compreender os processos de fortalecimento da Associação.

Orientadora da pesquisa: Maria Osanette de Medeiros. Telefone (61) 99994-2491.

Pesquisadora: Sidlene da Trindade Teixeira. Telefone: (61) 9 9672 3521.

As participantes da pesquisa a fazem de forma voluntária e são livres para, a qualquer momento que desejem e em qualquer fase da pesquisa, recusarem-se a participar ou retirar seu consentimento de participação, sem qualquer prejuízo a elas mesmas e à pesquisadora. Em caso de não aceitação de divulgação de imagem, som e voz asseguramos total sigilo das informações, depoimentos e dos dados fornecidos, utilizando pseudônimo para manter o anonimato de sua identidade, dentro dos princípios éticos da pesquisa.

Eu Marlene Rosa da Trindade Teixeira Carteira de identidade nº 4124988 telefone: 61 999933393

Declaro que li este documento. Entendi os propósitos da mesma e sinto-me esclarecida a participar da pesquisa, dando o meu consentimento livre.

Assinatura: Marlene Rosa da Trindade Teixeira Data 23/02/2023

## APÊNDICE H

### APÊNDICE A

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).

Tema da pesquisa: ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DE SÃO VICENTE: a importância das mulheres agricultoras, artesãs para a comunidade.

A pesquisa tem como principal objetivo analisar a atuação das mulheres na ARM-SV para saber como se organizam e quais as propostas para a comunidade, a fim de compreender os processos de fortalecimento da Associação.

Orientadora da pesquisa: Maria Osanette de Medeiros. Telefone (61) 99994-2491.

Pesquisadora: Sidlene da Trindade Teixeira. Telefone: (61) 9 9672 3521.

As participantes da pesquisa a fazem de forma voluntária e são livres para, a qualquer momento que desejem e em qualquer fase da pesquisa, recusarem-se a participar ou retirar seu consentimento de participação, sem qualquer prejuízo a elas mesmas e à pesquisadora. Em caso de não aceitação de divulgação de imagem, som e voz asseguramos total sigilo das informações, depoimentos e dos dados fornecidos, utilizando pseudônimo para manter o anonimato de sua identidade, dentro dos princípios éticos da pesquisa.

Eu, Olga de Jesus Aris Carteira  
de identidade nº 5508366 telefone: (61) 998727925 - Zap

Declaro que li este documento. Entendi os propósitos da mesma e sinto-me esclarecida a participar da pesquisa, dando o meu consentimento livre.

Assinatura: Olga de Jesus Aris Data: 23/02/2023

## APÊNDICE I

### APÊNDICE A

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Tema da pesquisa: ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DE SÃO VICENTE: a importância das mulheres agricultoras, artesãs para a comunidade.

A pesquisa tem como principal objetivo analisar a atuação das mulheres na ARM-SV para saber como se organizam e quais as propostas para a comunidade, a fim de compreender os processos de fortalecimento da Associação.

Orientadora da pesquisa: Maria Osanette de Medeiros. Telefone (61) 99994-2491.

Pesquisadora: Sidlene da Trindade Teixeira. Telefone: (61) 9 9672 3521.

As participantes da pesquisa a fazem de forma voluntária e são livres para, a qualquer momento que desejem e em qualquer fase da pesquisa, recusarem-se a participar ou retirar seu consentimento de participação, sem qualquer prejuízo a elas mesmas e à pesquisadora. Em caso de não aceitação de divulgação de imagem, som e voz asseguramos total sigilo das informações, depoimentos e dos dados fornecidos, utilizando pseudônimo para manter o anonimato de sua identidade, dentro dos princípios éticos da pesquisa.

Eu, Alsa Maria Pereira Carteira  
de identidade nº 3073515 telefone: 62998119975

Declaro que li este documento. Entendi os propósitos da mesma e sinto-me esclarecida a participar da pesquisa, dando o meu consentimento livre.

Assinatura: Alsa Maria Pereira Data: 23/02/2023

## APÊNDICE J

### APÊNDICE A

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).

Tema da pesquisa: ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DE SÃO VICENTE: **a importância das mulheres agricultoras, artesãs para a comunidade.**

A pesquisa tem como principal objetivo analisar a atuação das mulheres na ARM-SV para saber como se organizam e quais as propostas para a comunidade, a fim de compreender os processos de fortalecimento da Associação.

Orientadora da pesquisa: Maria Osanette de Medeiros. Telefone (61) 99994-2491.

Pesquisadora: Sidlene da Trindade Teixeira. Telefone: (61) 9 9672 3521.

As participantes da pesquisa a fazem de forma voluntária e são livres para, a qualquer momento que desejem e em qualquer fase da pesquisa, recusarem-se a participar ou retirar seu consentimento de participação, sem qualquer prejuízo a elas mesmas e à pesquisadora. Em caso de não aceitação de divulgação de imagem, som e voz asseguramos total sigilo das informações, depoimentos e dos dados fornecidos, utilizando pseudônimo para manter o anonimato de sua identidade, dentro dos princípios éticos da pesquisa.

Eu, Roquel Silva dos Santos Carteira  
de identidade nº 2.804.697 telefone: 61 9939.2301

Declaro que li este documento. Entendi os propósitos da mesma e sinto-me esclarecida a participar da pesquisa, dando o meu consentimento livre.

Assinatura: Roquel Silva dos Santos Data: 23/02/2023

## APÊNDICE K

## APÊNDICE L



## APÊNDICE M

**ANEXOS**  
**Fotos da colheita das mulheres**

**ANEXO 1**

Figura 1 - Colheita de Baru por Jaqueline (filha Laura)



Fonte: Karla Caetano (2021)

## ANEXO 2

Figura 2 - Caixa com frutas do cerrado - Ângela Caetano



Fonte: Karla Caetano (2021)

### ANEXO 3

Figura 3 - Colheita de Jatobá - Karla Caetano



Fonte: Ângela Caetano (2021)

#### ANEXO 4

Figura 4 - Colheita de Tamarindo - Sidlene Trindade (com o filho Théó)



Fonte: Genilton Moreira (2021)